

Tecendo o coletivo: relatos de um contágio político e poético

Weaving the collective: reports of a political and poetic contagion

Alice De Marchi Pereira de Souza; Ana Gabrielle Silva; Isadora Barbosa; Julia Reis Lousao;
Laís Silva Mariano; Letícia Oliveira Silva; Lucas Santos Canuto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

O artigo trata do evento “Políticas e Poéticas do Contágio: ensaios de viver entre muitxs”, assim como de suas reverberações. Organizado pelas professoras Adriana Rosa (UFF), Alice De Marchi (UERJ) e xs integrantes do estágio “Psicologia e Direitos Humanos: transversalizando práticas” – supervisionado por esta última –, foi realizado entre outubro e novembro de 2019. O encontro foi uma aposta na encruzilhada entre Psicologia, Arte, Política e Subjetividade como dispositivo para nos aproximarmos da multiplicidade como modo de vida. Através de oficinas e rodas de conversa, tematizou a arte de criar e sustentar formas de viver outras e a política como exercício a partir da diferença. Compreendemos o encontro e o contágio como meios de invenção de si e de mundos, para juntxs ensaiarmos modos de viver entre muitxs. Aqui, narramos, através de cartas trocadas, como foi experienciar esses dois dias de evento, bem como de que forma este ainda ressoa em nós.

Palavras-chave: Psicologia; Arte; Política.

ABSTRACT:

The article is about the event “Policies and Poetics of Contagion: rehearse of living among many”, as well as its reverberations. Organized by professors Adriana Rosa (UFF), Alice De Marchi (UERJ) and members of the internship “Psychology and Human Rights: transversalizing practices” - supervised by the last one - it was held between October and November 2019. The meeting was a bet on the crossroads between Psychology, Art, Politics and Subjectivity as a device to approach multiplicity as a way of life. Through workshops and conversation circles, it focused on the art of creating and sustaining other ways of living and politics as an exercise based on difference. We understand the event and the contagion as a mean of inventing oneself and worlds, so that we can rehearse ways of living among many. Here, through letters exchanged, we narrate how it was to experience these two days of event, as well as how it still resonates with us.

Key-words: Psychology, Art, Politics.

DOI: 10.12957/mnemosine.2020.57656

Para contagiar o mundo

Caros(as) leitores(as), é por meio da prosa iniciada por essas palavras que buscaremos partilhar com vocês algumas das afetações, pensamentos e implicações que nos acompanham desde o processo de construção do evento “Políticas e Poéticas do Contágio: ensaio de viver entre muitos”, ocorrido nos dias 30 de outubro e 01 de novembro de 2019 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no campus Maracanã. Aqui tentaremos, através dos nossos relatos, provocar um possível deslocamento que facilite experienciar o que foi sentido e despertado no decorrer desse ensaio de viver entre muitos.

Com as professoras Alice De Marchi (Instituto de Psicologia/UERJ) e Adriana Rosa (Instituto de Psicologia/UFF), eu e minhas colegas do estágio “Psicologia e Direitos Humanos: transversalizando práticas”, na UERJ, formamos um coletivo para construir e dar corpo a este evento. A princípio, o evento tinha como objetivo promover encontros que apostassem na capacidade dxs participantes de ensaiar novas formas de ser e de estar no mundo em meio às adversidades, unindo psicologia, clínica, política, coletividade, cuidado, escuta sensível e arte. Contudo, participar desse processo de construção e experimentação disparou outras diversas sensações e afetações que permitiram criar e repensar em inúmeras possibilidades de evitar os sufocamentos que nos agonizam em meio aos ataques que lesam nossas existências.

Isto posto, os encontros e os dispositivos que articulavam arte, política e subjetividades com a psicologia me fizeram compreender que é na multiplicidade dos modos singulares de viver e de enxergar o mundo, assim como nas formas coletivas de estar nele, que se tecem novas racionalidades e potencialidades de interação com a realidade que fortaleçam as nossas existências enquanto produto final dessa multiplicidade. E foi através da ocupação do espaço rígido e cinza da universidade que potencializamos os encontros e as trocas que permitiram tensionar algumas contingências da sociedade, a fim de produzir novas perspectivas, e assim, consequentemente, aproximar a comunidade externa do ambiente acadêmico da UERJ.

No entanto, para que isso acontecesse, notei que é preciso extrair o melhor de nós, independente das nossas singularidades e especificidades, sendo necessário enxergarmos uns aos outros de modo empático e como potenciais agentes da nossa realidade, mesmo que isso se faça difícil diante das diversas atrocidades e ataques que acometem a vida em comum. Entendo que a expressão “enxergarmos uns aos outros” soa um pouco ambígua; porém, utilizo-a para ilustrar um dos seus sentidos que está diretamente ligado ao conceito de “empatia”, no qual

estarei me aprofundando a partir de uma breve explicação apoiada em uma filosofia africana, muito pouco difundida no Brasil.

Resumidamente, de acordo com a filosofia africana Ubuntu, a empatia é um mecanismo pelo qual opera uma mudança na concepção da identidade individualista ocidental (KRZNARIC, 2015). Logo, partindo de uma concepção includente, onde “eu sou porque nós somos”, a filosofia Ubuntu oferece elementos para pensar em um mundo mais empático, direcionando a humanidade a uma filosofia da “outrospecção”, a qual difere dessa filosofia introspectiva que domina a cultura ocidental. Esse processo de construção de sujeitos viabilizou uma identidade individualista que aprisiona as existências dentro de uma perspectiva egocêntrica do indivíduo em relação ao mundo, ou seja, nos faz sujeitos preocupados apenas em autoproteção.

Krznaric (2015) afirma que é na outrospecção que encontramos um melhor equilíbrio para descobrir quem somos e como devemos viver no mundo, quando, de maneira empática, saímos de nós mesmos e exploramos as vidas e as perspectivas de outras pessoas. Dessa maneira, é visto que a palavra “empatia” vai além de se colocar no lugar do outro, é tentar enxergar o mundo com os olhos do outro e entender que é a partir desse deslocamento que se faz possível localizar as afetações e as implicações que têm sentido e propósito em nós. Consequentemente, este modo relacional de ver o mundo permite que as diferentes formas de estar no mundo coexistam dentro de um rizoma que as fortaleça mesmo diante do caos.

Curioso pensar que, ao ser convidado para compor esse processo de organização do encontro, fui acometido por uma certa ansiedade diante de um evento de ideias que vinham de um plano mais das experimentações do que algo previamente pensado, estruturado e pronto para ser colocado em prática. Todavia, logo a ansiedade deu lugar para as afetações que me alcançaram pela proposta que ganhou um corpo sensível durante esse processo de construção. Agora, ao olhar para trás, percebo que a minha participação nesse processo foi um grande exercício de empatia que envolveu trocas e afetações que me fizeram refletir em como somos capazes de realizar coisas excepcionais quando de maneira "outrospectiva" visitamos outras perspectivas e experimentamos outras realidades, mesmo que, de alguma maneira, acreditemos que esse tipo de movimento está longe das nossas capacidades individuais.

Deste modo, vou finalizando essa pequena apreciação, reafirmando que os encontros e os dispositivos proporcionados pelo evento permitiram que os olhares, as experiências, as singularidades e os coletivos que ali transitaram se conectassem para além do sistema

hegemônico da academia, experimentando assim um evento construído a partir de um plano sensível e "outrospectivo". E é apoiado na multiplicidade como modo de ver um mundo constituído a partir das relações, onde a cada momento as subjetividades produzem e são produzidas, que observei que o contágio que tanto provoca o título do evento realmente gerou as experiências e as afetações que queríamos enquanto coletivo.

Portanto, foi confiando nas potencialidades de todos os envolvidos nesse processo de extrair, tecer e ensaiar uma vida entre nós em meio ao adverso que trans-piramos para colocar para fora o que intoxica, res-piramos para captar o ar nos pulmões e assim movimentar os nossos corpos durante esses dois dias de evento, para que finalmente fosse possível cons-pirarmos juntos na tentativa de criar novas realidades.

Do meu contágio para o mundo,
Lucas.

Do interior para fora

Querido Lucas, diante da sua carta, fiquei alguns momentos olhando para o arquivo em branco lembrando os dias 30 de outubro e 01 de novembro de 2019 a fim de redigir o meu retorno. Contudo, não é possível descrever o evento “Políticas e Poéticas do Contágio: ensaio de viver entre muitxs” levando em consideração apenas estes dois dias. Para mim, e talvez para nós, reavivar o evento seja retornar ao mês de setembro quando fomos apresentados à ideia de uma articulação entre psicologia, clínica – local de escuta e cuidado –, coletividade e arte.

Agora, é possível até sentir uma pequena ansiedade, tal como nos primeiros momentos em que nos deparamos com a proposta de organizar um evento tão rico, tão abundante e...tão depressa. Aos poucos, esta ansiedade é substituída pela excitação: tantos planos brilhantes a serem colocados em prática e uma vontade imensa de conseguir abarcar o mundo todo de ideias dentro de dois dias. Enfim, 30 de outubro e o sentimento agora é uma mistura de alegria com satisfação. O deleite em contemplar um evento tão desejado se desenrolar é realmente único, não apenas pelos planos que deram certo, mas, também, por poder oferecer, a tantas pessoas, conversas, oficinas, experiências e contágios de modos de viver entre muitxs.

Como membro da coordenação, fiquei a maior parte do tempo no *hall* para recepcionar xs convidadxs e o público. Imediatamente, já foi possível perceber a variedade de formas de vida que o evento reuniu e a grande quantidade de olhos curiosos com a experiência que estávamos oferecendo. Percebi, mais ainda, o quanto este contágio realmente se tornou raro nos dias de hoje, uma vez que o “ensaio de viver entre muitxs” deslumbrou e impressionou a tantos;

cada explicação sobre o evento era recebida com surpresa, assim como a minha em observar esse inabitual contato das pessoas com a multiplicidade.

Multiplicidade esta tão difícil de ser apreendida neste mundo contemporâneo que se apoia, sobretudo, em um idealismo metafísico, no qual a força centrípeta nos traz uma noção de único e, assim, de simulacros diante de uma identidade e subjetividade “verdadeira”. Neste mundo das supostas essências em que fechamos os olhos para a multiplicidade, não observamos o sensível e suas potências, não levamos em consideração como o social atingiu de forma singular cada sujeito, formando, assim, sua subjetividade – que, todavia, não está acabada e pode, a todo momento, produzir e ser produzida em um mundo relacional.

Adichie (2009) evidencia esta falta de visão da multiplicidade em sua palestra “O perigo história única”, expondo como moldamos uma imagem única e generalizante em relação a um grupo, aniquilando todas as subjetividades e singularidades dos indivíduos e, ainda, outras possibilidades do próprio grupo. Adichie afirma em sua conferência que, incessantemente, um povo é mostrado ao mundo através de apenas uma visão e, desta forma, ele se torna tão somente isto. Assim, muitas vezes se concebe não apenas um grupo inteiro com uma única identidade, mas também todos deste grupo como sendo de iguais. Em um relato pessoal, Adichie conta como uma colega de quarto sentiu pena dela antes mesmo de conhecê-la devido a sua nacionalidade nigeriana. Em nosso evento, foi possível perceber como pessoas dadas como iguais no senso comum são tão diferentes e múltiplas, como, por exemplo, a imagem da mulher trans. O “Políticas e Poéticas do Contágio” abarcou diversas mulheres trans como convidadas, cada uma com sua história, singularidade, modo de se vestir, se portar e se sentir...

Na roda de abertura, ficaram ainda mais vivas as multiplicidades ou, melhor, a amarração destas. Neste momento, as intervenções de diferentes pessoas sobre suas experiências singulares se conectaram a ponto de me parecerem coletivas – não apenas por vivências que se assemelharam, mas, principalmente, pelo contágio que a experiência de um indivíduo provocou no outro, em uma relação mútua de produção e elaboração de subjetividades. Como afirma Bauman (2003: 34), “o tempo transcorrido nunca é tão curto a ponto de permitir que aquele que perguntou e aquele que respondeu permaneçam, no momento em que chega a resposta, os mesmos seres que eram quando o relógio foi posto para funcionar”. Isto é, até mesmo uma pergunta e uma resposta são capazes de fazer mudanças profundas nos indivíduos. Assim, sem dúvida, pode-se dizer que cada sujeito saiu deste momento de troca de experiências de forma diferente da que entrou, com um pouco mais do outro em si.

Em seu contexto léxico, múltiplo quer dizer o “que não é simples nem único” (HOLANDA, 2010: 521) e, até mesmo no horário de intervalo do evento, foi possível escancarar esta fuga do cotidiano homogêneo. Naquele momento, a apresentação musical da Orquestra Maré do Amanhã propagou um vigor entre as pessoas que passavam pelo *hall* e pude pensar, assim, em como um lugar tão cheio de professores e estudantes é, normalmente, tão vazio de energia, com corpos dóceis, como diria Foucault (1987), dentro da nossa sociedade do controle. “Os dias pesam, as noites encolhem” é como se inicia a descrição do evento. Nesta experiência, percebi, realmente, o peso do cotidiano e o seu empossamento de nossas potências e produções e o quanto um episódio cultural diferente no meio de tantas paredes cinzas fica marcado para o resto do dia, ou até mesmo, do período, como até hoje me lembro do fervor que o forró orquestrado de “Eu só quero um xodó” me proporcionou.

Coimbra e Leitão (2003: 7) comparam nosso cotidiano com o poema “O Operário em Construção” de Vinícius de Moraes, no qual, assim como o operário que desconhece sua missão, nós vivemos diante de tantas produções que desconhecemos ou não enxergamos, por mais nítidas que estejam. Semelhantemente, redigindo sobre a parte musical da Orquestra, me lembrei, também, da incrível coincidência que mostrou a quantidade de multiplicidades escondidas – ou escancaradas – dentro de um mesmo local e que, mais uma vez, esteve ofuscada pelo cotidiano. Como disse anteriormente, fiquei uma parte do dia no *hall* e, desta forma, presenciei a apresentação de um outro grupo musical de senhoras, em francês, que, apesar de não fazerem parte como convidadas já agendadas para o nosso evento, se encaixaram de forma esplêndida no tecer vidas que estávamos propondo.

Tive, ainda, o privilégio de encontrar usuários do CAPS EAT (Centro de Atenção Psicossocial Espaço Aberto do Tempo) com os quais trabalhei por um tempo e, desta forma, fechar com chave de ouro a imensa satisfação de participar de um dia de evento tão múltiplo. Foi possível observar, em um mesmo *hall*, alunos e usuários da saúde mental se misturando e ensaiando modos de viver entre muitxs, para muito além da dicotomia psicólogo/paciente que, normalmente, se apresentam como dois territórios bem definidos.

O primeiro [território], o do saber-poder, é identificado como o lugar da competência, do conhecimento/reconhecimento, da verdade, dos modelos, da autoridade, do discernimento, da legitimidade e adequação de certos modos de ser. O segundo, o do não saber, o da falta, caracterizado como território da exclusão, visto ser desqualificado, condenado, segregado, considerado, até mesmo, como danoso e perigoso – o campo do desvio – necessitando sistematicamente ser acompanhado, tutelado, monitorado e controlado (COIMBRA; LEITÃO, 2003: 8).

Assim, este binarismo da divisão social do trabalho tão naturalizado e instituído pelo capitalismo vigente pôde, de alguma forma, se apresentar como relacional em nosso evento.

Por fim, diante de tantos múltiplos, não é possível chegar a um único fechamento do que o evento me faz pensar, é apenas viável reavivá-lo em minha mente e, conseqüentemente, em meu corpo, inferindo que estas experiências singulares e coletivas não deveriam estar acopladas em apenas dois dias, mas todos os dias, pois sempre devemos transpirar, respirar e conspirar mutuamente. Concluo, assim, que o sentimento agora é de gratidão com um pouco de “quero mais”!

Do interior do estado do RJ e do meu interior,

Julia.

De: Andorinha só

Para: Todos os verões

Apreciar a multiplicidade que nos circunda, como Julia mencionou, traz referência a um cuidado imprescindível para a sustentação de quem somos, do que queremos e para onde vamos. Multiplicidade essa que o Políticas e Poéticas do Contágio propôs e expôs, criando um elo preciso e bonito entre a Psicologia (caminho fundamental para uma vida com qualidade), os Direitos Humanos (a tomada, a concretude básica dessa vida com bem-estar) e a Arte (o elo crucial da nossa existência). Acreditando que estar em conjunto é um fator fundamental para a edificação de subjetividade, tanto individual quanto coletiva, de um lugar, de um povo, compreendo a importância de ambientes que destaquem a coletividade como força motriz de uma caminhada, uma existência. O evento foi uma pequena amostra materializada daquilo que acredito e confio como ferramentas fundamentais para a construção de dispositivos saudáveis de escuta, troca, cuidado.

Tendo como proposta a experimentação dos diversos modos de viver e conviver com as diversidades sociais, raciais, culturais, políticas e econômicas, nas quais todos nós estamos inseridos, eventos desse molde permitem atuar em uma organização verdadeiramente coletiva, onde a construção de todas as etapas é esquematizada com a participação de todos dispostos, respeitando e revendo a importância de haver diversos modos de se conviver coletivamente.

Pontuo essa coletividade do Políticas, pois acredito ser um sentimento mútuo vivido pelos demais integrantes da organização e também por acreditar ser um dos principais fatores de mudança que tanto almejamos na nossa sociedade. Experimentar essa colaboração horizontal

foi a coisa que mais me marcou nesse evento. Ser atravessada por afetações daqueles que ali estavam foi como se eu ouvisse, mais uma vez, minha avó dizendo que andorinha só não fazia verão. Somos muitas andorinhas e as estações sempre estão com a gente.

Dessa forma, pensar numa psicologia que reivindique, cobre e ensaie por garantias de direitos humanos básicos através da arte, como se expressar, existir livremente respeitando seus costumes, permanecer viva com o máximo (o mínimo, não) de saúde que puder (entendendo saúde no seu conceito mais amplo e coletivo), enfim, tudo aquilo que a arte nos fornece como instrumento, me faz enxergar a potência que nós podemos ser, enquanto cidadãos, para o mundo que nos cerca, mesmo sabendo que nem sempre ele irá nos abraçar. E visualizar, também, as múltiplas potências que me constituem. Afinal, somos muitos.

A juíza federal Raquel Domingues do Amaral diz que “o direito e a arte são as únicas evidências de que a odisseia terrena teve algum significado”¹. Individual e coletivamente, estamos evidenciando e significando nossa existência. Assim como Gonzaguinha, eu também boto fé em toda rapaziada que segura o rojão que é estar vivo, construindo manhãs e manhãs desejadas.

Afetuosamente,

Laís.

Para o rugir das tempestades

Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguido-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.
Não estamos alegres,
É certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.

¹ Cf. AMARAL, Raquel Domingues do. *Texto exemplar da Juíza Federal Raquel Domingues do Amaral*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/texto-exemplar-da-juiza-federal-raquel-domingues-do-amaral/>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas
(MAIAKOVSKI, 2013: 156).

Cara Laís, depois de ler sua belíssima carta finalizando com Gonzaguinha, não deixei de lembrar desse poema de Maiakovski². É um dos meus preferidos do poeta, e tive o prazer de me deparar com ele durante nosso evento ano passado, dentro do Poeméticas: uma instalação artística no meio do corredor do andar de psicologia da UERJ, em que as pessoas que ali passavam eram convidadas, pela curiosidade de um objeto estranho no meio do caminho, a se aproximar e entrar na cabine ali montada, cujas quatro paredes de tecido semitransparente nos permitiam ver através delas. Dentro da cabine, um microfone e uma caixa com diversos poemas. Ali, encontrei o farol soviético³.

Respondo para você nesse período turbulento, em pleno isolamento social por conta da pandemia de *Covid-19*. As contingências dessa nossa fase, mais do que nunca, me fazem pensar na aposta que é enfrentar as adversidades da vida a partir do coletivo: buscamos forças e apoio uns nos outros, fortalecemos nossos laços e desejamos o bem estar de nós, enquanto população, enquanto isolados em nossas casas. E foi pensando no coletivo, também, que fizemos o evento, apostando no encontro das diferenças e na construção conjunta de novas formas de driblar as pedras no nosso caminho, que, convenhamos, não são poucas. Lembro das minhas impressões de início, enquanto estávamos construindo o evento: havia algo de corpo e experimentação corporal; algo de dança e de música; algo de produção de novas sensações e sentidos; algo de luta; algo de grupo, coletivo, partilha... Algo de explorar e conhecer novos modos de vida na interface psicologia-arte-resistência.

E assim foi. Entre os dias que transcorreram, nosso evento mostrou inúmeros modos de vida e de luta, promoveu o contato maior da psicologia com a política, a arte e a música, com o tato, com o ouvir, o sentir, o falar, o gritar... Atraiu estudantes não só da Psicologia e a interação de quaisquer que fossem as pessoas que passavam pelos espaços em que estávamos era muito imediata. A todo momento, em todas as atividades e formas de comunicação entre nós – rodas

² Vladímir Maiakovski (1893-1930), poeta soviético.

³ Alusão ao poeta supracitado. *Mayak* significa farol, em russo.

de conversa; oficinas de experimentação corporal e/ou tátil; oficinas de dança; declamação de poesias; apresentação musical – estávamos partilhando nossas vivências, o que nos dói, o que nos alegra, o que nos sacode, inquieta, perturba, perpassa. O coletivo estava lá: pulsante, movente, aglutinador, transformador. Acredito que é pelo coletivo que promovemos mudanças, é por ele que nos fortalecemos e, como também aposta Maiakovski, havemos de atravessar, juntas e juntos, esse período de tempestades.

Um abraço virtual em todos vocês,
Letícia.

De: São Gonçalo

Para: Seus lugares

Primeiramente, devo dizer que tive acesso às suas cartas, que fui contagiada pelos vasos artísticos pelos quais suas escritas foram irrigadas, e por isto devolverei da mesma maneira. Escrevo ouvindo uma canção, que é coincidentemente, do Slam das Minas, uma das intervenções artísticas do nosso evento, com participação da cantora Drik Barbosa. A música concorda com o que a Letícia disse em sua carta: "é pelo coletivo que promovemos mudanças, é por ele que nos fortalecemos e, como também aposta Maiakovski, havemos de atravessar, juntas e juntos, esse período de tempestades."

[...]
Relembrar e saudar quem veio antes
Angela, Conceição, Carolina, Maria e Clementina
Sementes, buquês, Espertirina
Compor poesia combustão
Pra dar base aos pés e força nas mãos
[...]
Escrevo pra pincelar minha alma com outro tema
Já escrevi sobre buraco e tecidos da vida
[...]
(SLAM DAS MINAS; BARBOSA, 2018)

Volto agora a escrever sobre o evento – apesar de nunca ter parado. De imediato, gostaria de apontar que o evento não era uma tela em branco a ser coletivamente colorida por nós e nossos convidados e nossas convidadas. Era sim uma tela, mas uma tela contagiada a priori pelo caos, de que falamos em nossa proposta, que sufoca e mata todos os dias corpos estranhos – toda rapaziada que segura o rojão que é estar vivo, não é Laís? – e pincelada de multiplicidade, seguindo aqui o sentido de multiplicidade apresentado pela Julia em sua carta.

A arte nos faz crer que seja possível retirarmos algo de belo em meio ao caos. Essa é também a função dela, criar afetos, produzir perceptos e sensações que nos inspirem e nos coloquem em devir. Portanto, uma obra artística é um convite a nos diferirmos de nós mesmos, ainda que por um instante. A arte se aventura na trilha do novo, do revolucionário, do desconhecido, porque a sua intenção é criar novos mundos, possibilidades, sensações e emoções.

Esta foi também a intenção do evento: tecermos juntxs, transdisciplinarmente – isto é, articulando disciplinas e flexibilizando seus limites para que possam emergir diferentes relações entre estas –, novas possibilidades de ser e estar no corpo social, refletindo o caráter ético-estético-político do evento.

Exercitamos durante os dois dias um desvio da relação teoria-prática, suspendendo esses limites quando convidamos grupos e pessoas de diferentes disciplinas e áreas para conspirar experiências singulares e coletivas de viver. É o que pretendemos: formas de viver no coletivo produzidas com ou sem permissão, implicadas afetivamente e sustentadas como atitude política. A resistência está exatamente aí! Arte e cuidado de si como resistência, como uma fuga dos clichês, como maneiras novas de nos relacionarmos.

Penso que o “Políticas e Poéticas de contágio: ensaios de viver entre muitxs” foi, ao mesmo tempo, espaço de transpirações, respirações (rodas de cuidado e criação/oficinas) – e, certamente, inspirações – de possíveis, engendrados através de uma prática ética. A roda final, que chamamos carinhosamente de “conspirações”, mostrou-se não como espaço de deliberação de significados unitários e comuns a todxs, mas como laboratório de sensibilidades, troca de saberes e afetos produzidos pelos encontros de cada um com o evento.

Compartilhamos durante estes dias nossas experiências no meio social, onde a violência atua como tecnologia de poder e dominação; provocamos convergências com elementos que favorecem a resistência coletiva, através do simbólico da arte e do concreto da luta.

Foi ocupando o espaço rígido e cinza da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como bem disse o Lucas, e investindo-a de encontros e outros dispositivos inspiradores para o enfrentamento às violações de direitos sociais básicos e a criação de modos de vivermos juntxs, que conseguimos, ainda que por instantes, nos aventurar na trilha do novo e criar novos mundos.

E para você, Isadora, como o evento ressoa?

Com carinho e muita luta,

Ana Gabrielle.

De: Nossos lugares

Para: Dentro e fora de todos os lugares

Eu, feita de música e fala
De encontro ao evento que desloca e espalha
Me refiz tantas vezes e de tantas formas fui reformada
Sentei pra ouvir e ser escutada
Agora sou nós, feita de todas
Não só de música e fala
Pelas políticas/poéticas de início contagiada
Continuo o percurso por completo afetada
E por falar em afeto já logo transpasso
Através do meu som, reproduzo compassos
Mais um começo ao fim do contágio
Minha voz já não sai da boca
Em melodias posso expressá-la
Já não ouço mais com os ouvidos
É pelo peito que entram os ritmos
Presentes na poesia dos que me falam.

Isadora.

Para tecer mais vida

Queridxs estagiárixs,

Recebo as cartas de vocês, supostamente, do lugar de professora, supervisora de estágio, organizadora do nosso dossiê temático sobre o evento que organizamos juntxs. Devo, se é assim, ler o texto de vocês com olhos de revisora e de mestre, e então apontar inconsistências que porventura sejam identificadas, interferir, fazer sugestões e ajustes.

No entanto, não é, em absoluto, isso que acontece quando deito os olhos sobre essa correspondência. Como se estivesse abrindo os envelopes, um a um, vou me deparando com cartas-experimentação, cartas-do-sensível, cartas-político-poéticas. Em um presente pandêmico em que governamentos pesam e sufocam ainda mais subjetividades contra-hegemônicas,

recuso-me a reiterar adaptacionismos e cerceamentos. Transformo-me, imediatamente, em carteira: sinto-me meramente responsável pela distribuição dessas mensagens que não carecem de correções ou remendos – não por estarem docilmente adequadas a um crivo, mas por simplesmente escaparem a uma forma pré-estabelecida e exercitarem uma outra estética. Ora, não é justamente o que queríamos nesse dossiê? Não era o que queríamos para o nosso evento e para quem dele participasse – um efeito de contágio para ensaiarmos outras práticas e formas de estarmos no mundo?

Percebo, porém, que é mais do que isso. Algo pulsa insistente nas linhas de suas escritas, convocando um movimento meu. Não me quero neutra ou imune, e me deixo contagiar. Escrevo, eu também, agora inspirada na multiplicidade de endereçamentos que vocês fazem proliferar: para vocês e para quem for nos ler. Eis-me, portanto, transformada – agora e finalmente – em mais uma destinatária-e-remetente nesse jogo epistolar.

Contágio aquele que, em tempos de pandemia, precisa recobrar o sentido que tínhamos pensado para ele num fim de 2019 em que nem de longe cogitávamos o que viveríamos nesse 2020 aberrante. Contágio aqui é o que faz ressoar em nossos corpos um estado de abertura para a diferença. Que promove uma zona de transdisciplinaridade entre territórios (PASSOS & BARROS, 2000), como arte, política e subjetividade. Que produz, como vocês descreveram, efeitos de espanto e de deleite, de estranhamento e de alegria. Afinal, habitar esse limiar não é fácil ou cômodo: requer coragem, convoca a deslocamentos e exige um certo gosto pelo intempestivo.

Talvez tenha sido isso que tenha acontecido quando, em meados do ano passado, topamos organizar juntxs um encontro em tão pouco tempo, não é mesmo? Inicialmente, tudo parecia abstrato demais, trabalhoso demais... Como aqueles diferentes domínios poderiam dialogar? Que tipo de atividade seria proposto? Será que teríamos fôlego? *Transpiramos*.

Foi preciso passar da bibliografia, das conversas e das reuniões sentadxs em volta de uma mesa para uma experiência corporal de cuidado coletivo, com a ajuda de Frantz Fanon (2008). Interpretar menos e experimentar mais. Sair de nossa sala de supervisão de sempre e assim nos reposicionarmos não apenas no espaço, mas também no tempo – e numa dimensão intensiva. Parece que ali, numa vivência de oficina primeiramente entre nós, é que se produziram sentidos que foram encarnados, apropriados, capazes de disparar um ânimo (contagante?) para a empreitada do evento. *Respiramos*.

A partir de então, o vivido contaminou o nosso trabalho. Criamos um roteiro e um formato que fugissem dos auditórios e sua arquitetura hierarquizada e fragmentadora, de maneira a espriar por diferentes espaços da universidade instalações, oficinas, rodas, proposições. E essa mesma ética do comum norteou nossa metodologia de organização, com cada umx de nós trazendo pessoas e grupos de nossas redes e repertórios, além de ampliarmos a própria equipe organizadora com monitoria voluntária. Tudo com muita criatividade, entusiasmo e sem recursos. *Conspiramos*.

Então sim, muito me alegrou ver o que se passou naqueles dois dias – e foi tanto, como vocês narram –, mas, mais ainda, ler as reverberações que se dão a ver nas cartas de vocês. É sinal de que o acontecimento não se limitou àquele último dia de outubro e primeiro dia de novembro, mas efetivamente infiltrou nossos corpos e imprimiu sua duração, de maneiras singulares. Quem sabe os efeitos que ainda virão?

Para mim, a reverberação é essa, do tipo que retumba como alegria – afeto que, tomado em sua acepção ética, diz daquilo que aumenta a nossa potência de agir (DELEUZE, 2002). Em tempos pandêmicos, de adoecimentos físicos e sociais, sob uma triste governamentalidade, urge rejuvenescer nossa interrogação-convite para o nosso encontro: como extrair e tecer a vida entre nós em meio ao adverso? Essas páginas dão pistas preciosas e incandescentes para que o contágio seja sempre por mais vida, acima de tudo. Sim, acima de tudo. Não deve ser à toa que essas cartas começam em prosa e terminam em poesia.

Abraços contagiantes.

Memória de futuro

*A palavra corre livre
sem medo de exposição.
A palavra vive solta na boca
e rola no chão.
A palavra "censura"
hoje vive "sem-cura"
e sem medicalização.*

*A palavra "pau de arara"
é onde araras azuis grasnam
e de lá voam
sem choque ou tortura*

*A palavra "tortura"
hoje é só uma torta
de chocolate escura.*

*A palavra "escura"
é sinônimo de coisa boa.*

*A palavra "preta"
é de orgulho, memória
e afirmação*

*A palavra "vitimismo"
caiu em desuso
e foi substituída
pela palavra
"gratidão"
que hoje é
multicolorida
e não representa mais
privilégio*

*A palavra "privilégio"
agora é "provilégio"
e é o nome de um colégio
público no morro da
Providência.
De onde todas as*

*providências são tiradas
como exemplo.*

*A palavra "talento"
anda na moda
e todo mundo
sabe seu significado.*

*A palavra tá valendo um bocado
e toda boca tem fala
e toda fala tem escuta.*

*A palavra alcança a toda pessoa que dança.
A palavra é par.
É multidão*

Tom Grito, fundadore do Slam das Minas
(poema publicado sob heterônimo Letícia Brito, em "Antes que seja
tarde: para se falar de poesia", Editora Malê)

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1109913>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- AMARAL, Raquel Domingues do. *Texto exemplar da Juíza Federal Raquel Domingues do Amaral*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/texto-exemplar-da-juiza-federal-raquel-domingues-do-amaral/>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 34.
- COIMBRA, Cecília; LEITÃO, Maria Beatriz Sá. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades. *Revista Psicologia & Sociedade* [online]. 2003, vol. 15, nº 2, p. 6-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200002&lng=pt&tlng=pt>.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Editora Positivo: Rio de Janeiro, 2010.
- KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015.
- LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, vol. 70, nº spe, p. 20-33, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- MAIAKOVSKI, Vladimir. *Vida e Poesia*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, vol. 16, nº. 1, p. 71-79, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- SLAM DAS MINAS; BARBOSA, Drik. *Trincheiras*. Direção artística: Fióti. São Paulo: LAB Fantasma, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QjqmuPw3NGk>>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- VALLE, Flávia Pilla do; ICLE, Gilberto. Contraconduta como criação de jogos de enunciações na e sobre a dança. *Repertório*, Salvador, nº 23, p. 145-156, 2014

Alice De Marchi Pereira de Souza
E-mail: alicedemarchi@gmail.com

Ana Gabrielle Silva
E-mail: anagabrielle0405@gmail.com

Isadora Barbosa
E-mail: isadorabarbosacontato@gmail.com

Julia Reis Lousao
E-mail: julialousao@gmail.com

Laís Silva Mariano
E-mail: laissmariano@gmail.com

Letícia Oliveira Silva
E-mail: icitale@gmail.com

Lucas Santos Canuto
E-mail: lucascanutto@live.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)